

Reflexão sobre o papel da atividade dos “contadores de histórias” para crianças e adolescentes hospitalizados

Luzia Aparecida Martins Yoshida*

Lília José da Silva Morales**

Maria Adelia Jorge McFadden***

Maria Marta de Magalhães Battistoni***

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Este artigo, baseado em pesquisa, teve por objetivo verificar, através de um teste projetivo gráfico e temático, organizado a partir do teste desenho-estória (TRINCA, 1976) e do H.T.P. (BUCK, 1948), se o estado emocional de crianças e adolescentes hospitalizados modificava-se ao participarem da atividade com os contadores de histórias do movimento “Viva e deixe viver”. Este movimento visa minorar o sofrimento decorrente da doença e hospitalização. Foram avaliados 8 sujeitos de 5 a 12 anos de idade internados na enfermaria de Pediatria do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas, que executaram o teste em dois momentos: antes e após a atividade com os contadores de história. Constatou-se que, nos desenhos anteriores à atividade, houve um predomínio da representação de situações traumáticas, tais como: hospital com janelas fechadas, procedimentos médicos dolorosos e isolamento. Além disso, percebeu-se na análise dos desenhos angústia, sentimentos de medo e insegurança. Nos desenhos posteriores predominou a representação de situações mais amenas, havendo maior comunicação e integração entre as figuras desenhadas e até paisagens idealizadas de fora do hospital. A análise comparativa dos dois desenhos de cada sujeito sugere ter ocorrido mudança na percepção do ambiente, alívio da angústia, aumento da confiança e/ou esperança na recuperação.

Palavras-chave: criança hospitalizada; psicologia do desenvolvimento; humanização hospitalar.

* Psicóloga do Setor de Adolescentes do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Unicamp, doutora em Saúde Mental pela Unicamp, Especializada em Adolescência e em Psicanálise.

**Psicóloga, aluna do Curso de Especialização em Psiquiatria e Psicologia Clínica da Adolescência, Unicamp.

***Psicólogas, doutoras em Saúde Mental e Professoras do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Unicamp.

Introdução

O que é o Movimento dos “Contadores de Histórias”?

A associação “Viva e Deixe Viver - Campinas” é um movimento voluntário que atua em hospitais de Campinas com a atividade de “Contar histórias” para crianças e adolescentes hospitalizados. O objetivo desses voluntários é a humanização hospitalar através do entretenimento lúdico que propicie a estes jovens a possibilidade de recorrer à fantasia e à imaginação para elaborar ou minorar seu sofrimento decorrente da doença e da hospitalização. Acredita-se que assim eles poderão sentir-se menos fragilizados pela doença e pelo ambiente hospitalar.

Durante o período de uma hora em que se dedicam à criança, os contadores têm a preocupação de transmitir 04 informações básicas: a importância da alimentação, da higiene pessoal, dos medicamentos e da amizade. Os materiais utilizados pelos contadores eram: a própria voz, livros infanto-juvenis e jogos lúdicos.

Atualmente, a associação conta com 146 contadores e 4 células de apoio que são as seguintes: administração, comunicação, captação de recursos e organização de eventos.

Para participar da associação “Viva e Deixe Viver”, o voluntário passa por uma seleção e um programa de treinamento específico de 2 meses, além de dedicar uma hora semanal num local próximo de sua casa.

Embasamento Teórico

A partir da compreensão de Projeção (FREUD, 1976) como um processo que consiste em atribuir os próprios impulsos, sentimentos e afetos a outras pessoas ou ao mundo exterior e assim ignorar esses fenômenos indesejáveis em si mesmo, tem-se tomado conhecimento dos processos inconscientes do psiquismo humano.

Além disso, em Totem e Tabu (1976), Freud aponta que a Projeção não é especialmente criada com fins de defesa egóica, mas surge também quando não existem conflitos, afirmando que a projeção de percepções internas para o exterior é um mecanismo primitivo que desempenha papel principal na configuração do mundo.

O processo projetivo e a construção de diversos instrumentos e testes vêm sendo estudados e avaliados tanto por autores clássicos como atuais tais como: Rorschach (1948); Machover (1949); Buck (1949); Van Kolck (1984); Trinca (1976).

Baseando-se então no processo da Projeção e nos estudos sobre o mesmo que dão base a instrumentos psicológicos, entre eles os testes gráficos, estabelece-se o objetivo da pesquisa: descrever o estado emocional do jovem hospitalizado (criança ou adolescente), bem como sua percepção em relação à internação, anteriormente e posteriormente à atividade dos Contadores de Histórias.

Material e método

Caracterização da amostra

Participaram desta pesquisa 08 crianças e/ou adolescentes com idades variando entre 5 e 12 anos, internados na enfermaria de pediatria do Hospital de Clínicas da Universidade Estadual de Campinas. O tempo de internação variou de 2 a 22 dias. O quadro abaixo, usando nomes fictícios para os sujeitos, aponta suas idades e tempo de internação.

Nomes	Idade (anos)	Tempo de Internação
Fernanda	05	5 Dias
Fábio	07	10 Dias
Renato	12	22 Dias
Márcia	10	07 Dias
Sandra	07	08 Dias
Paula	11	04 Dias
Caio	12	02 Dias
Marcelo	08	04 Dias

Os materiais usados na pesquisa foram: pequenas pranchetas (para apoio e realização dos desenhos), papel branco, lápis pretos e coloridos. Anotaram-se os comentários e respostas aos questionamentos da pesquisadora, bem como as histórias criadas pelos sujeitos sobre os desenhos realizados.

Local

Enfermaria de Pediatria do Hospital de Clínicas da Universidade Estadual de Campinas.

Instrumentos

Para atingir o objetivo proposto elaborou-se, a partir do teste projetivo H. T. P. de Buck, 1948 (apud HAMMER, 1981) e do teste Desenho-Estória de Trinca (1976), um instrumento de avaliação composto por desenhos projetivos e temáticos. Neste teste solicitava-se que os sujeitos fizessem um desenho representando a hospitalização e que contassem uma história sobre este desenho.

Procedimentos

A avaliação do estado emocional de cada sujeito foi realizada individualmente na enfermaria onde ela estava internada e, quando necessário, no próprio leito.

A aplicação do teste do desenho temático ocorria antes e após a intervenção desses contadores de histórias. Inicialmente entregava-se ao sujeito uma folha de papel sulfite branca, lápis preto, lápis de cor e borracha e era dada a seguinte instrução, tanto para o primeiro como para o segundo desenho: “Faça um desenho que represente o hospital. Utilize a folha branca e os lápis”. Em seguida perguntava-se ao sujeito: “O que você desenhou?” e

solicitava-se que ele falasse sobre o próprio desenho, havendo cuidado para não induzir respostas. Quando o jovem apresentava dificuldade em falar espontaneamente sobre o desenho fazia-se questões semelhantes às padronizadas para o Inquérito do teste H.T.P. (1948). Não se estipulou um tempo específico para as aplicações do teste.

Avaliação dos resultados

Realizou-se duas formas de análise: 1-) Avaliação global psicodinâmica do desenho temático do hospital, segundo HAMMER (1981) e TRINCA (1976). 2-) Análise Comparativa dos itens discriminados, segundo VAN KOLCK (1984).

Metodologia da avaliação

Primeiramente foi realizada uma análise psicodinâmica global da Estrutura e do Conteúdo (HAMMER, 1981) dos desenhos e das histórias contadas pelos sujeitos.

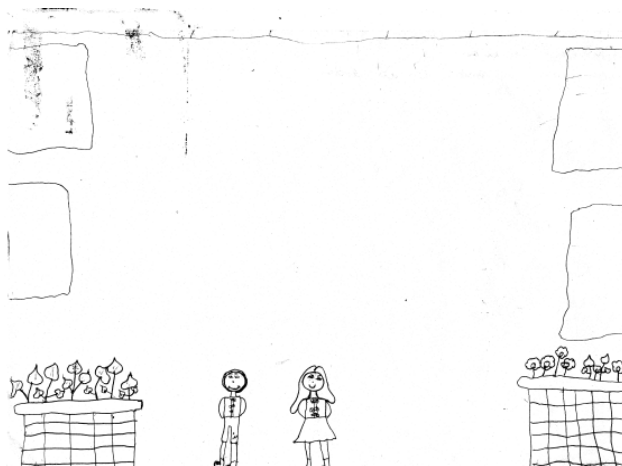
Além desta análise foi feita uma avaliação dos desenhos dos diferentes sujeitos seguindo um roteiro de itens que refletem o estado egóico e emocional do sujeito. Estes foram escolhidos a partir da proposta de análise de VAN KOLCK, (1984), que os validou para a população brasileira. Estes itens são: Percepção, Estrutura, Espaço, Cores, Atenção, Organização, Energia, Sombreamento, Traçado, Linha do solo e Conteúdo.

Resultados

Escolhemos três sujeitos com seus desenhos e falas para ilustrar os resultados obtidos.

Desenhos dos Sujeitos

Márcia (10 anos)



Desenho 1



Desenho 2

História (1) antes da atividade com os contadores de histórias

“Os meninos João e Dayana estão no pátio brincando, eles estão internados porque estão doentes. Não gostam de ficar no hospital. Eles querem que entre alguém, se não eles ficam meio triste. Os meninos gostam de ficar no pátio porque tem mais gente e podem brincar. No quarto eles ficam deitados sem fazer nada, tomando remédio. Eles querem receber alta, ficarem bom logo, para não continuar internados.”

História (2) após a atividade de contar história

“A contadora está contando a historia do ursinho Pó, sobre o Natal, no pátio. Tem muitas crianças no pátio ouvindo a novela e outras estão assistindo tv. Eu gostei da árvore de Natal, do livro, dos desenhos. O bom é que eles (os contadores) vão voltar no sábado e no domingo, nestes dias são melhor, estão aqui.”

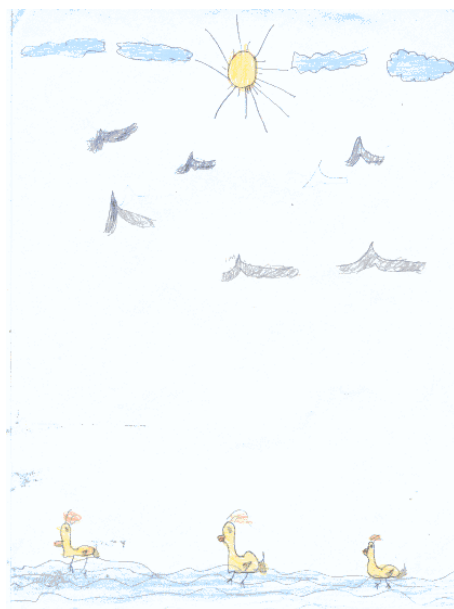
Síntese da Análise dos desenhos de Sandra:

No desenho realizado antes da atividade dos Contadores de Histórias, a garota apresentava-se mais fóbica, colocando muitos elementos circundando as duas crianças "doentes" que estão solitárias e de tamanho diminuído. Após a atividade, a jovem desenha figuras maiores, interagindo entre si sem colocar cercas em volta. Isto é indicativo de autoconfiança com diminuição dos traços fóbicos. Também a contadora é incluída no desenho, indicando a presença da esperança e da saúde. No 2º desenho, quem compartilha com ela a atividade não é mais apenas o menino, mas diversas crianças no pátio (como foi dito no relato), ali representadas pela figura da outra menina mais afastada da mesa. Isso revela uma mudança na percepção do ambiente hospitalar não mais visto como vazio, solitário e triste.

Caio (12 anos)



Desenho 1



Desenho 2

História (1) antes da atividade com os contadores de histórias

"Aqui é o hospital e aqui é onde eu fico. É ruim estar aqui. Não tem nada de bom."

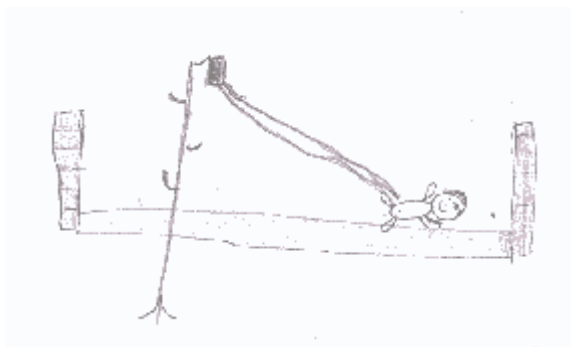
História (2) após a atividade com os contadores de histórias

"Os pássaros estão voando perto do mar. Só que eles estão só alto, no altão. Aqui os patos. Esse não sabe voar. Ele não tá aprendendo voar. Ele quer ficar embaixo com os peixinhos. Ele não quer voar porque tem preguiça. (os irmãos voaram). Os pais dele, o caçador matou. E ele vai ser domesticado. Vai ser feliz com os amiguinhos dele."

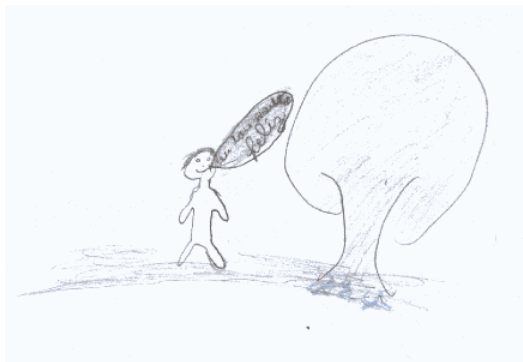
Síntese da análise dos desenhos de Caio:

Em seu 1º desenho-estória, Caio revela possuir um Ego estruturado, porém mostra que percebe a situação da doença e da internação de modo pessimista e negativo, parecendo sentir-se preso, isolado, sem contato afetivo e com baixo nível de energia. Sentimentos de ambivalência e depressão também são perceptíveis neste 1º desenho. No segundo desenho há a presença da vida e da esperança: sol e animais, com os quais as crianças se identificam muito. Há mais movimento e energia. Pôde surgir a agressividade (caçador, morte dos pais), porém nota-se a presença da esperança, a idéia de que o ruim pode ficar fora dele mesmo e o uso de mecanismos de defesa mais adaptativos, como a racionalização e a compensação.

Marcelo 08 anos



Desenho 1



Desenho 2

História (1) antes da atividade com os contadores de histórias

"Eu estava fazendo lavagem, era horrível mas quando faz a lavagem se sente melhor. (silêncio) O que o menino mais gosta é de brincar e o que menos gosta é de brigar. Os meninos batem em mim porque eu não sei lutar. Eu vou aprender a lutar capoeira."

História (2) após a atividade com os contadores de histórias

"Esse menino tá muito feliz, vai ser um bom menino e estudar muito. Vamos ver se vou embora, né? É que meu irmão tá lá. Ele tem 5 anos. Eu estou com saudades dele. É, mas às vezes eu tenho que fazer mais lavagem, né? Aí não dá prá eu ir embora. Mas se precisar, aí eu fico, né? Às veis tem que tirar mais água, né".

Síntese da análise dos desenhos de Marcelo:

No desenho I, nota-se o aspecto regressivo e a pouca energia vital (menino deitado), decorrentes da situação de internação e dos procedimentos médicos a que deve se submeter. Apesar de apresentar um Ego estruturado, Marcelo demonstra que a doença e as internações são vividas por ele com tristeza, medo e sentimento de inferioridade. Falta-lhe confiança nos contatos sociais e nos seus próprios recursos internos. Percebe o meio como agressivo e hostil, porém já aponta uma busca de soluções.

Após participar da atividade com os "contadores de história", recupera a segurança interna e sente-se revitalizado e com mais forças para se "adaptar" à situação de internação. Embora ainda se apresente ambivalente, demonstra disponibilidade para lidar com a realidade.

Síntese das análises dos resultados

Análise Psicodinâmica da Estrutura e do Conteúdo dos Desenhos (HAMMER, 1981)

Pode-se perceber nos testes e histórias criadas pelas crianças que elas sentiam-se mobilizadas pelas histórias ouvidas a expressarem seus sentimentos com relação à internação e à família. Através da análise do teste nota-se que aqueles desenhos realizados anteriormente à atividade dos “Contadores de histórias” referem-se a situações de hospitalização representadas como fatos restritivos e dolorosos como, por exemplo, o hospital representado com janelas fechadas ou alguém deitado numa maca recebendo medicação, soro, lavagem intestinal, ou mesmo alguém que está no pátio ao lado de outras crianças e jovens, sem poder interagir ou se comunicar.

Ainda com relação aos desenhos anteriores à atividade dos "Contadores", observam-se os sujeitos representando, na folha de papel, situações indicativas de sentimentos de solidão, medo, insegurança e angústia. Tais sentimentos também transparecem nas histórias relatadas por eles quando afirmam "aqui não tem nada de bom", ou quando falam da ausência de familiares tais como pai, irmão, pessoas que representam segurança, apoio ou companheirismo.

Já nos desenhos posteriores, algumas vezes os sujeitos passam a demonstrar com maior clareza os sofrimentos e dores ou, por outro lado, a idealizar situações mais agradáveis e amenas, porém, sempre apresentando menos cisão e maior integração psíquica.

Assim, nos desenhos posteriores à atividade dos contadores de histórias, notaram-se modificações expressivas em todos os desenhos, ocorrendo, então, situações de intercomunicação entre as figuras desenhadas, como é o caso de Márcia que, na situação anterior, representou duas crianças no pátio, doentes e inseguras, desejando a presença de alguém que representasse a segurança ou a esperança de recuperação da doença. Após a atividade, a garota desenhou as figuras maiores e mais nítidas e comunicando-se entre si. Representou também uma terceira pessoa, desenhando, portanto, uma situação mais evoluída que a anterior.

Outros jovens desenharam paisagens idealizadas e embelezadas, externas ao hospital. Como exemplo, temos o caso de Caio que, no desenho 1, com seus olhos voltados a todo momento para a porta, representou o hospital com janelas fechadas, um carro preto ao lado de uma árvore descrita como tendo 3 anos de idade, portanto, bastante inferior à sua, demonstrando seus sentimentos de inferioridade, impotência em relação à doença e à hospitalização que tem de enfrentar. Já no desenho 2 representou uma paisagem idealizada, externa ao hospital, onde as figuras parecem mais livres (num lago), embora ainda distantes umas das outras. A presença do sol é mais forte, bem como todas as cores são mais vivas.

Outro exemplo é o de Marcelo, que desenhou na situação anterior um menino diminuto sobre uma maca, sem a linha do solo e recebendo os procedimentos médicos. Parecia percebê-los como dolorosos e agressivos. Já no desenho posterior, representou um menino de pé ao lado de uma árvore, sobre uma linha de solo. Isto pode indicar que ele recuperou parte da segurança interna e adquiriu forças, através da utilização de mecanismos de defesa mais eficazes para enfrentar a situação de internação e a doença.

Esses exemplos nos indicam uma mudança no estado emocional dessas crianças e uma percepção de um ambiente mais comunicativo, com predomínio da extroversão e de boas expectativas. Vale ressaltar que estes resultados não são suficientes para uma afirmação

categorica e para tanto seriam necessarias outras pesquisas, com maior numero de participantes e de instrumentos de avaliacao.

Análise Comparativa dos itens discriminados segundo Van Kolck (1984)

A partir da análise dos itens na forma proposta por Van Kolck (1984) citada na Metodologia da Avaliação, pode-se observar na Tabela 1 que a comparação dos desenhos realizados antes e após a atividade com os "contadores de histórias" não aponta modificações em todos os itens; porém, em diversos deles, surgiram alguns aspectos novos.

Tabela 1 – Análise comparativa dos itens discriminados segundo Van Kolck (1984)

ITENS	ANTES DA ATIVIDADE	APÓS A ATIVIDADE
Perceptos	62,5% detalhados 37,5% globais	87,5% globais 12,5% detalhados
Espaço	62,5% expandido 37,5% restrito	62,5% expandido 37,5% restrito
Atenção	87,5% concentrada 12,5% difusa	100% concentrada
Percepção	100% estruturada	100% estruturada
Organização	87,5% boa (harmonia) 12,5% ruim	87,5% boa (harmonia) 12,5% ruim
Energia	62,5% alta 37,5% baixa	100% alta
Sombreamento	62,5% presente 37,5% ausente	62,5% presente 37,5% ausente
Traçado	100% definido	100% definido
L. Solo	37,5% presente 62,5% ausente	25% presente 75% ausente
Conteúdo	75% humano 25% inanimado	50% humano 12,5% parte humana 12,5% inanimado 25% animal

No item percepção, nota-se que houve uma maior globalização. Observaram-se percepções globais em 37,5% dos desenhos anteriores à atividade dos "contadores de histórias" contra 87,5% de percepções globais nos desenhos posteriores a essa atividade, indicando melhor captação da realidade e melhor aproveitamento da inteligência e de outros recursos internos dos sujeitos.

Percebe-se um aumento do número de cores e de representação de movimentos nos desenhos posteriores à atividade dos "contadores de histórias", o que nos indica uma elevação da energia vital.

Houve também um aumento da área sombreada em cada desenho, podendo-se denotar um aumento de ansiedade, porém, podendo indicar também uma maior abertura à sensibilidade, e maior exposição de sentimentos. Uma vez que a ansiedade é mola propulsora do desenvolvimento e que o uso da sensibilidade pode possibilitar maior criatividade e melhor elaboração das situações reais e fantasiadas, tal abertura dos sujeitos pode conduzir a uma maior força psíquica.

A linha de solo, que esteve presente em 37,5% dos desenhos anteriores à atividade dos “contadores de histórias”, aparece em apenas 25% dos desenhos posteriores à atividade. Isto indica uma diminuição do contato com a realidade e maior insegurança; porém, também pode significar o uso de um maior grau de fantasia propiciadora de novos caminhos na busca de soluções para lidar com a dor e com o sofrimento, sempre presentes nas situações de doença e internação.

Quanto ao conteúdo dos desenhos, os sujeitos apresentaram uma porcentagem maior de objetos inanimados na situação anterior à atividade dos "contadores" que na situação posterior.

Anteriormente à história, eles representaram conteúdos humano e inanimado e posteriormente surgiram conteúdos humanos, em parte humano, animais e inanimados. Este aumento de categorias de conteúdos sugere uma maior discriminação, maior disponibilidade e força egóica para encarar a realidade de seu próprio corpo, denotando energia de vida.

Outros itens de avaliação, tais como espaço, atenção, organização e qualidade do traçado mantiveram-se sem alteração, sugerindo não ter havido ampliação no uso dos recursos do ambiente, nem mudança na referida capacidade de organização psíquica. Também, como se prevê teoricamente em função do pouco espaço de tempo decorrido entre as duas aplicações, não se observaram modificações na estruturação egóica dos sujeitos.

Conclusões

Embora não tenha sido feito um controle de todas as variáveis, o fato de o instrumento de avaliação ter sido aplicado imediatamente antes e após o relato de uma história leva a resultados que permitem algumas conclusões. Eles sugerem que a atividade com os “Contadores de histórias” possibilita aos sujeitos um aumento na expressão de seus sentimentos, afetos e fantasias frente à hospitalização e indicam melhor uso dos recursos egóicos, levando a uma percepção da internação de forma mais positiva e menos persecutória. Percebe-se que os jovens passam a recorrer a mecanismos de defesa do ego que permitem enfrentar as frustrações de maneira mais construtiva e esperançosa.

Sinteticamente, a análise geral dos desenhos anteriores à atividade com os “contadores de história” mostra que a situação da hospitalização era percebida pelos sujeitos como agressiva, uma vez que as afastavam de seu ambiente familiar e as colocavam em contato com sua doença e sua fragilidade, gerando muita angústia, tensão, medo, sentimento de impotência e baixa energia vital. Havia neste momento pouco uso dos recursos afetivos e emocionais para lidar com a doença e com o ambiente hospitalar.

Nos desenhos posteriores à atividade com os “contadores de história” notam-se mudanças quanto aos aspectos percepção, cores, sombreado, linha de solo e energia, no sentido de uma maior globalização, maior vitalidade e expressão da ansiedade (área sombreada), dando vazão às fantasias e alívio da angústia, bem como melhor integração dos sentimentos e aumento da confiança ou da esperança na recuperação. Isto provavelmente é favorecido pela liberação de uma agressividade ou energia básica, necessária para lidar com a doença física e com o ambiente desconhecido. Esta energia pode ser facilitadora de uma melhor compreensão e aceitação da doença e da terapêutica.

Embora os itens avaliados não tenham apontado aumento no nível de atenção, nem modificações significativas na impulsividade ou na organização psíquica, observa-se um expressivo aumento no nível de energia vital dos sujeitos, o que é considerado um importante fator para que eles possam enfrentar os desgastes advindos dos tratamentos necessários. Sabe-se que, se há aumento da energia, ocorre maior abertura para a vida, para os relacionamentos, para o desenvolvimento e a melhora da saúde.

Ressalte-se, no entanto, que estes resultados precisam ser confirmados por pesquisas que trabalhem com amostras maiores e maior número de instrumentos precisos e adequados.

YOSHIDA, L. A. M.; MORALES, L. J. S.; MCFADDEN, M. A.; BATTISTONI, M. M. M.
Considerations on the role of story tellers activities for hospitalized children and adolescents. *Revista de Psicologia da UNESP*, n. 1, p. 25-37, 2002.

Abstract: *Based on research this paper aims to verify whether the emotional state of hospitalized children and adolescents changed or not after participating at the amuse activity done by the story tellers of the movement “Live and let it live (Viva e deixe viver)”. This movement aims to diminish suffering caused by illnesses and hospitalization. Then, 8 subjects from 5 to 12 years old who were hospitalized at the Pediatric section of the Clinical Hospital of Unicamp were evaluated by projective tests before and after activities with the story tellers. A Projective Test was used, in which they were asked to draw and to narrate the drawings history before and after the activity of the story tellers. After analysis of the drawings, we concluded that those done before the activity represented traumatic situations such as: hospitals with shut windows, painful medical procedures, isolation, fear and anguish. However, in the drawings done after the activity, the subjects represented communication between the figures of the drawing and landscapes outside the hospital, showing a shifted environment perception, relief of the anguish, raising of trust and believe in recovery.*

Keywords: *hospitalized children, psychology of development, hospital humanization*

Referências

- BUCK, J.N. The H-T-P technique, a qualitative and quantitative scoring manual. *Journal of Clinical Psychology*, v. 4, p. 317-396, 1948
- CAMPOS, D. M. S. O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CAVALCANTI, R. Aspectos Psicológicos da hospitalização da criança. Em *Enfermagem em Novas Dimensões*, v. 5, n. 6, p. 347-349, 1977.
- DI LEO, J. H. *A interpretação do desenho infantil*. Tradução de Marlene Neves Strey. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FREUD, S. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 3
- _____. A interpretação de sonhos. Parte B: Regressão. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 5
- _____. Totem e tabu. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 13.
- GIGLIO, J. S. *et al.* Relatório de projeto de pesquisa NEP-NICS: utilização de música funcional na enfermaria de pediatria do Hospital das Clínicas da Unicamp. 1993-1994.
- HAMMER, E. F. *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHOVER, K. Personality projection in the drawing of a human figure. Springfield: Thomas, 1949.
- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 3. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, s.d.
- OCAMPO, M. L. S. *et al.* *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- RORSCHACH, H. *Psicodiagnóstico*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1948.
- TRINCA, W. *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.
- VAN KOLCK, O. LOURENÇÃO. *Testes projetivos gráficos: no diagnóstico psicológico*. São Paulo: E.P.U., 1984. (Temas Básicos de Psicologia)